

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

GABRIELLA CAIXETA VIEIRA ARAUJO

**Diálogos ecofeministas sobre o dualismo humano-natureza em obra de arte
contemporânea**

UBERLÂNDIA

2023

GABRIELLA CAIXETA VIEIRA ARAUJO

Diálogos ecofeministas sobre o dualismo humano-natureza em obra de arte contemporânea

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à
Universidade Federal de Uberlândia, como parte
das exigências para a obtenção do título de
Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Franco
Carvalho

UBERLÂNDIA

2023

Diálogos ecofeministas sobre o dualismo humano-natureza em obra de arte contemporânea

Gabriella Caixeta Vieira Araujo¹

Resumo: Partindo da ideia de que os indivíduos são seres culturais complexos e pretendendo contemplar toda essa dimensão, o artigo foi construído utilizando a narrativa como metodologia e a arte como objeto de pesquisa. Assim, por meio de um olhar sensível, pretendeu-se enxergar além das linhas e contornos bordados pela artista peruana Ana Teresa Barboza em suas obras, buscando expressões da ideologia ecofeminista e relacionando-as com a importância da reaproximação humano-natureza e da ressignificação dos dualismos homem-mulher, homem-natureza e cultura-natureza. Esse movimento se mostrou um excelente mecanismo de afetação-transformação.

Palavras chaves: Arte, meio ambiente, dualismos, bordado, afetações

Ecofeminist dialogues on human-nature dualism in contemporary artwork

Abstract: Based on the understanding that individuals are multifaceted cultural human-beings and intending to contemplate this dimension, the article was built by employing narrative as a method and art as a focal point of research. Thus, through a perceptive lens, I intended to see beyond the lines and contours embroidered by the Peruvian artist Ana Teresa Barboza in her work, seeking evidences of ecofeminist ideology and associating them to the importance of human-nature rapprochement and re-signification of man-woman, man-nature and culture-nature dualisms. This process proved to be an excellent affectation-transformation mechanism.

Keywords: Art, environment, dualisms, embroidery, affectations

Introdução

Com este artigo, pretendo, por meio de um olhar sensibilizado pela ideologia ecofeminista, enxergar além das linhas e contornos bordados pela artista Ana Teresa Barboza. Buscar compreender as diversas possibilidades de percepções de suas obras e relacioná-las com a importância da reaproximação humano-natureza e da ressignificação dos dualismos homem-mulher, homem-natureza e cultura-natureza.

¹ Graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Uberlândia.
Email: gabriellacaviara@gmail.com

Citada por Aquino e Cenci (2019), Vandana Shiva foi uma das precursoras do movimento ecofeminista. De acordo com os autores, Shiva tecia as relações existentes entre o saber dominante e aqueles alternativos, afirmando que o primeiro seria o responsável por impossibilitar a presença do segundo. Esse saber dominante diz respeito à lógica patriarcal de construção da sociedade, em que a posição mantida pelo homem é prevalecente àquela ocupada pela mulher e pela natureza (VIEIRA, 2018). Já os alternativos fazem menção ao conhecimento das mulheres e povos ancestrais, fundamentais na criação de um ambiente harmonioso entre os humanos e a natureza, pois estabeleciam uma relação de respeito com a diversidade dos ecossistemas (AQUINO; CENCI, 2019).

Essa situação nos faz perceber uma maior aproximação da mulher com a natureza, a qual pode ser entendida tanto como uma consequência da divisão do trabalho baseado em questões de gênero, em que a mulher é designada aos cuidados da casa e dos filhos (VIU et al., 2010) quanto pela relação de semelhança no tangente à sua submissão pelo homem, de maneira equivalente ao domínio deste sobre a natureza (SILIPRANDI, 2009).

Plumwood em seu livro “Feminism and the Mastery of Nature” (1993), como salientou Barca (2020), já havia também estabelecido essa associação existente entre o trabalho e as questões de gênero. A autora mostra que o trabalho produtivo, relacionado aos espaços ocupados pelos homens, são apresentados como superiores, enquanto que os trabalhos de reprodução e cuidado, atribuídos às mulheres, se situam em posição de inferioridade. Nessa perspectiva, Plumwood ressalta a construção da realidade baseada em hierarquias dualistas. Estas definidas como polarizações das diferenças existentes entre homem/mulher e humano/natureza, por exemplo. Assim, não apenas Plumwood, mas os autores já citados e também nomes como Gaard (2011), reconhecem a profunda relação entre a natureza e a essência feminina.

Dito isso, entendendo a relevância do tema para compreender a construção da sociedade atual frente aos desafios de preservação ambiental e pensando também, assim como evidenciou o Ministério do Meio Ambiente na Convenção sobre a Diversidade Biológica (preâmbulo, p. 8, 2000)², na importância das mulheres para manutenção dos recursos naturais, pretendo buscar expressões dessa ideologia ecofeminista nas obras da artista Ana Teresa Barboza.

² “Reconhecendo, igualmente, o papel fundamental da mulher na conservação e na utilização sustentável da diversidade biológica e afirmando a necessidade da plena participação da mulher em todos os níveis de formulação e execução de políticas para a conservação da diversidade biológica” (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, p. 8, 2000).

Contextualização metodológica

Dentro da sociedade, a construção cultural do ser se faz a todo instante, a cada vivência, e, para dialogar com estes, é preciso considerar toda sua dimensão e complexidade. Formados por histórias, a arte se torna instrumento potente na criação desse diálogo. Sem uma significação restrita, o produto artístico, nesse caso, os bordados, possibilita ao indivíduo um processo de criação de sentidos mais amplo (CATTANI, 2002). Segundo Da Cunha (1997), ao trabalhar com a construção de narrativas, “a pessoa torna-se visível para ela mesma”, o que permite uma fuga do “espiral de ação sem reflexão” ao qual estamos sujeitos, dado o ritmo da sociedade moderna.

Ao entrar em contato com a obra, portanto, têm-se uma percepção, que se expande ou se modifica quando colocado em palavras, em escrita ou mesmo quando em discussão com outro indivíduo ou grupo. Para Clandinin e Connelly (2011), a pesquisa narrativa se mostra importante instrumento de pesquisa qualitativa, ao fornecer “fonte rica de memórias”, por meio das quais o indivíduo busca dar sentido às vivências. Os autores indicam ainda a relevância dessa metodologia por constituir um tipo de investigação que leva em consideração não só a dimensão pessoal, mas também a social, temporal e espacial. Ou seja, permite a compreensão do sujeito em sua individualidade e também nas relações que estabelece com a sociedade e lugar no qual está inserido.

Desse modo, com o presente trabalho, utilizando a narrativa como metodologia, pretendo observar as obras da artista peruana Ana Teresa Barboza, e, a partir da construção sócio-cultural a qual estive submetida, assim como das afetações provocadas pelas leituras dos ideais ecofeministas, tecer relações de sentido entre os bordados e as relações de dualidade entre homem/natureza, cultura/natureza e homem/mulher, procurando enfatizar a necessidade de ressignificação das relações dos indivíduos ou grupos com o meio ambiente e entre eles mesmos.

Para isso, começarei apontando uma breve introdução/percepção sobre a artista em questão, elencando os processos pelos quais fui movida na escolha da obra e, em sequência, as afetações provocadas por ela, buscando os possíveis entrelaçamentos com as ideologias ecofeministas.

Sobre a artista e a escolha da obra

Ana Teresa Barboza é uma artista peruana que busca inúmeros encontros e entrelaçamentos em suas obras. Transitando pelas questões culturais de seu povo, técnica e culturalmente, ela também discorre sobre a relação do humano com a natureza, expondo

dualismos potentes e que se comunicam com a ideologia ecofeminista. Não é apenas um convite para refletir o domínio da sociedade moderna sobre o meio ambiente e as espécies não humanas. É também um apelo para pensar sobre as diferenças e conexões que existem na relação homem-natureza e homem-mulher. É sobre expor o vínculo da mulher com a natureza como sujeitos subjugados frente ao desenvolvimento patriarcal predominante. É mostrar a velocidade e também a demora com que a matéria (humana e não humana) se transforma. Percorrer formas e imagens por entre as linhas e fotografias, buscando a riqueza de detalhes e profundidade com que se pode pensar sobre algo quando se dedica tempo suficiente para tal. Barboza tece, pinta e captura recortes da realidade com uma perspicácia impressionante. Retira do real aquilo que a sensibiliza e, por meio de suas criações, encontra meios de afetar outros olhares. Transformar o outro com aquilo que uma vez a transformou, criando uma rede de afetações que tem também potência de transformação.

Em seu site “www.anateresabarboza.com”, a artista deixa registrado seus projetos e obras, assim como sua formação, exposições individuais, coletivas, premiações e notícias envolvendo seu trabalho. Lá é possível percorrer pelos registros de suas criações, que incluem imagens e também escritos. Esses escritos descrevem brevemente a ideia por trás da maioria dos projetos, sendo que em alguns casos, são apresentadas apenas as imagens e sua descrição (materiais usados e dimensão), sem o texto adicional.

Ao explorar esse espaço, deparei-me com uma série de possibilidades e provocações que me conduziram por diversos caminhos de compreensão e interpretações. Oscilando de um projeto para o outro, pensei sobre as relações e desencontros entre as obras. Refleti sobre como estas estariam ligadas com a preocupação sobre o meio ambiente e a posição da mulher na sociedade e nesse espaço de luta pela manutenção da cultura e do equilíbrio entre todas as formas de vida e viver.

A linguagem que usamos para ler o mundo determina, em grande medida, a forma como pensamos e agimos no e sobre o mundo [...] Ler o mundo e a palavra significa compreender os códigos culturais e genéricos que nos permitem construir as palavras para formar uma história [...] Interpretar significa ser capaz de tematizar e generalizar sobre as narrativas que constituem a experiência social. Em suma, significa ser capaz de revelar as pressuposições e motivos ocultos que estruturam nosso sistema cotidiano de valores (GIROUX; MCLAREN, p. 25, 33, 1993).

Assim, em um primeiro momento, me permiti passear pelos registros visuais sem me preocupar com os escritos. Queria a experiência de entendê-los apenas com o filtro cultural a qual estive inserida ao longo da vida. Tecer interpretações a partir das minhas vivências. Somente depois desse momento, foi que me dediquei à leitura e reinterpretação dos projetos e

obras da artista, agora unindo os conhecimentos que acumulei ao longo do tempo e as percepções de Ana Teresa Barboza e artistas colaboradores.

Por essa razão, optei por trazer, nesse momento, pensamentos e considerações que me atravessaram ao observar uma das produções que não acompanhavam texto adicional. Esse projeto, no site, está intitulado como “2010” e contém nove imagens de quatro bordados, sendo algumas delas, aproximações/recortes da composição completa. Selecionei apenas dois dos quatro bordados e uma imagem para representar cada um deles. Essa decisão se deve ao fato de que a narrativa presente neles parecem se completar. A história do segundo complementa aquela contada no primeiro. E o terceiro é parte integrante/integrante do quarto, que se formou a partir dessa composição inicial. Nesse sentido, a escolha de trazer apenas os dois primeiros foi feita com base na afetação causada pela obra, maior nessas duas produções. Além disso, a decisão de selecionar somente uma imagem se deu com o propósito de que aquele que lê, sinta-se convidado a visitar o site e percorrer caminhos individuais de interpretação da obra completa³.

Afetações provocadas pela obra “2010”

Figura 1: “2010” - bordado e tecido (110 x 140 cm)



Fonte: <https://www.anateresabarboza.com/p/2010.html>

³ Visitar o site <https://www.anateresabarboza.com/p/2010.html> para observar todas as composições da obra intitulada “2010”.

Sempre que me deparo com alguma produção artística, dedico algum tempo a elencar os elementos presentes na obra. Enxergar o óbvio. Aquilo que está evidente na imagem. Observar as linhas, contornos, formas, cores, composição e também os componentes carregados de significados. Mas aqueles significados inerentes à própria aparência do elemento. No bordado acima, por exemplo, a artista trouxe contrastes que conversam com a figura de um homem e de alguns animais de variadas ordens. As cores presentes são branco, vermelho, amarelo, verde e cinza, sendo algumas mais vivas e marcantes que outras.

O homem está deitado, inconsciente e com grandes feridas ensanguentadas, causadas, aparentemente, pelas mordidas e ataques dos animais. Seu corpo representado em cor branca e cinza contrasta com o vermelho do sangue, indicando o ponto clímax da narrativa contada pelo bordado. Além disso, essa representação do homem em cor branca pode ser indicativa de duas percepções quanto às questões étnicas: um homem sem uma etnia determinada; ou um homem, de fato, branco, privilegiado. Outra sensação transmitida pelo uso de cores escolhido pela artista, é a de que o homem está pálido e sem vida, enquanto que os animais possuem cores marcantes (tanto quanto o sangue que se espalhou ao redor do corpo do homem-presa). Além disso, as cores do cenário não se completam, elas buscam, por outro lado, um espaço único e próprio dentro da história. Isso provoca o observador a olhar separadamente para cada elemento da obra e reconhecer a sua importância individual para o sentido do todo. Essa percepção inclui também reconhecer a presença da vegetação, que, ao contrário dos animais, têm sua cor descaracterizada da realidade, fazendo-nos refletir sobre sua coadjuvância também na vida real. Aparentemente apagadas da narrativa, a vegetação se faz presente em todos os cenários.

Observando agora sentidos mais ocultos, é possível estabelecer conexões da obra de Barboza com questões sócio-ambientais e histórico-contemporâneas. Ao longo do desenvolvimento das sociedades, em geral, houve uma sobreposição da natureza pelo ser humano (BARCA, 2020). A busca constante pelo avanço das ciências, das tecnologias e da urbanização culminou na crise ambiental da atualidade (STEFFENS, 2007)⁴. Essa necessidade de assumir o controle sobre tudo, no entanto, não pode ser dissociada das construções culturais e de gênero baseadas em um sistema de opressão (MIES, 1998).

⁴ “Ao lado dos avanços técnico-científicos, como a descoberta de curas para doenças e aumento da expectativa de vida dos seres humanos, dos benefícios que estes trazem para a sociedade, verificamos as contradições que este mesmo sistema é capaz de produzir como o aumento da pobreza, da violência, do preconceito, extinção de espécies, mudanças climáticas, poluição, esgotamento de recursos naturais e a própria degradação humana.” (STEFFENS, p. 11, 2007)

O homem como símbolo de razão e de força, e a mulher como expressão de emoção e sensibilidade. A divisão de papéis sociais associados ao gênero se construíram ao redor de ideias patriarcais e machistas como essa. A mulher não era vista como um ser capaz de fazer ciência, prática que se tornou predominantemente masculina por muitos anos (CHASSOT, 2004; DA COSTA, 2006). Enquanto os homens, historicamente, usaram, diversas vezes, da força e destruição para compreender os fenômenos da natureza (dominá-la), as mulheres precisavam se conectar com ela para exercer sua função predeterminada como cuidadora do lar e da família (CHARKIEWICZ, 2009).

É claro que sempre existirão exceções e também tudo depende da época em que se pretende narrar a história. A transformação é inegável e constante em todos os âmbitos, e têm ocorrido aparentemente cada vez mais rápido (CORSINO, 2015). Contudo, isso não anula os reflexos que essas divisões trouxeram. Contraposições evidentes se formaram a partir dessas diferenças na relação do humano com as espécies não humanas. Existe a razão e a sensibilidade, a mente e o corpo, a cultura e a natureza, o homem e a natureza, o homem e a mulher. Geralmente o primeiro sobrepondo-se ao segundo em uma relação de domínio/opressão (SCHMIDT, 2012).

Por esse motivo é que as mulheres, com o passar dos anos, criaram uma conexão mais forte com a natureza. Também subjugada pelo homem, mulher e natureza se formaram como uma força de equilíbrio, onde o olhar para os organismos vivos e também não vivos se sustentava pelo respeito mútuo, e não pela intenção de dominação (OLIVEIRA, 2020). Essa percepção está intimamente ligada aos ideais ecofeministas (CÓRDULA; DO NASCIMENTO, 2013), que buscam justamente criticar os dualismos existentes, na intenção de ressignificá-los, e também mostrar a potência que existe no papel e presença da mulher dentro dos movimentos ambientalistas e de conservação do meio ambiente. É pela criação de um elo respeitoso e de igualdade que as mulheres detêm importância tamanha nessa mobilização social em prol da preservação da natureza (AQUINO; CENCI, 2019).

Mas o que tudo isso pode ter a ver com o bordado feito por Ana Teresa Barboza? O que as linhas, formas e composições podem nos dizer sobre a realidade apresentada acima?

É nesse momento que me disponho a tecer conexões de sentido entre a figura e a realidade. Na verdade, a provocação que a obra me causou foi algo bem simples, mas que me colocou em movimento de busca e pesquisa. Ao colocar um homem ferido por outros animais, o sentido mais imediato a se pensar é na crítica a como o próprio homem vêm, ao longo dos anos, descuidando dessas formas de vida. Aquele que mata e destrói, sendo atacado.

Outra possibilidade seria olhar para o cenário em que a narrativa do bordado se constrói e perceber quem é o invasor daquele espaço. Por diversas vezes, quando nos deparamos com notícias de que algum humano foi ferido por um animal silvestre ou lesionado pela toxicidade de alguma espécie vegetal, a tendência da mídia e da população é disseminar a ideia negativa de um animal que fere, de uma planta que envenena. A depender de onde a história ocorreu, é transmitido ainda a imagem de um animal/planta que invade. Contudo, de fato, quem se impôs sobre um local que não é seu, foram os humanos. Na natureza não existe privatização. Um animal não humano, não invade. Uma planta não invade. Eles têm seu habitat dominado e subjugado e são forçados a uma adaptação muito mais rápida do que aquela que aconteceria naturalmente sem intervenção antrópica⁵. O bordado se forma como potencialidade de reflexão quanto a essas questões. Nele o homem representa o invasor. E estando nesse ambiente, se sujeita aos comportamentos naturais daquelas espécies não humanas. É uma crítica à falta de equilíbrio que existe na ocupação dos espaços naturais.

Por fim, uma outra possibilidade de construção de sentido que me atravessou nesse momento, é a da possível relação da narrativa construída pela artista com o veganismo. Vivemos em um mundo com diferentes culturas e distintas formas de conexão com os animais não humanos. Existem aqueles que são passíveis de afeto e carinho, e aqueles que são criados como fonte de alimento (OLIVEIRA, 2020). No entanto, como, de fato, surgiu essa diferenciação? Por que uns devem ser protegidos enquanto que outros são preparados para os abatedouros? O que muda de uma sociedade para outra? Na obra de Ana Teresa Barboza, o homem é quem estaria fazendo o papel de alimento. Ali não é ele que consome a carne dos animais. Ele é consumido.

O mais interessante é pensar como todos esses sentidos/entendimentos se mostram potencialidades de reflexão dentro do ecofeminismo. Em todos os casos, apesar de muitas vezes eu ter me referido de maneira geral como a espécie humana, o foco é, na verdade, no homem. Ao percorrer pelo restante dos bordados que compõem a obra completa, fica mais claro o que procuro evidenciar com essa fala. O homem parece se distanciar da natureza enquanto que a mulher parece percorrer o sentido contrário, se fundindo a ela.

O contraste pretendido nesse primeiro bordado me parece ser do homem com a natureza. Especificamente questionando o tipo de relações construídas entre os dois

⁵ Ver artigo “Impactos antrópicos sobre uma população de *Alouatta clamitans* (Cabrera, 1940) em um fragmento de Mata Atlântica no Estado de São Paulo: apontamento de medidas mitigatórias” (MONTICELLI; MORAIS, 2015) para um exemplo da interferência antrópica na paisagem natural e sua consequente perturbação da fauna local.

elementos. Um homem que oprime (BARCA, 2020), ocupando uma posição de vulnerabilidade. É tirá-lo de sua zona de conforto, posicionando-o em um local muitas vezes ocupado pela própria natureza. E também pelas mulheres.

Quanto ao veganismo que me ocorreu por último, a relação com o ecofeminismo é bem breve: olhar para todas as espécies com o mesmo cuidado (MONTEIRO; GARCIA, 2013). Um elo entre dois movimentos, e que talvez não seja evidenciado pelas ativistas dos mesmos, proporcionado pela presença de empatia, sem distinção.

Figura 2: “2010” - bordado e tecido (110 x 105 cm)



Fonte: <https://www.anateresabarboza.com/p/2010.html>

Aqui, como no primeiro bordado, dedicarei esse momento inicial à descrição mais objetiva dos elementos constituintes da narrativa apresentada pela artista. De imediato é possível perceber a repetição temática: homem e natureza. Nesse caso, humano-natureza, pois existe o acréscimo da figura feminina. Tem-se também outra diferenciação quanto ao primeiro cenário construído por Barboza. Nessa representação não há a presença de animais não humanos. São as plantas que ganham mais notoriedade: cor.

Uma mulher, um homem, várias folhas, galhos e também flores. Todos distribuídos no espaço de maneira nada aleatória. As figuras humanas compõem o centro e a natureza se forma ao redor, como uma moldura. As cores, contrariamente ao bordado anterior, não se destacam de modo independente. Elas compõem uma paleta harmoniosa. Vemos vários tons de azul e de verde, alguns de rosa, o lilás, o vermelho, o marrom, o preto, o laranja e o amarelo. Todas essas cores integrando o cenário protagonizado pela mulher e a natureza. O homem, apesar de não se apresentar mais na cor branca, ainda mantém um tom empalidecido. Sua vestimenta cinza, funde-se com sua pele, de homem branco, privilegiado.

Ainda idealizando possibilidades de compreensão sobre as cores, e começando a elaborar pensamentos mais aprofundados sobre seus significados e relações, percebo que a pele da mulher é retratada como uma pele morena. E essa escolha, ao que me parece, tem a intenção de mostrar uma origem distinta da do homem. Ali estão sendo representadas mulheres não brancas, ou seja, (e aqui me coloco em posição de explicar a razão pela qual utilizei essa expressão) mulheres de outras etnias e que não usufruem do privilégio branco. Não se trata apenas de uma crítica à questão de gênero homem-mulher, mas também das diferenças étnico-culturais.

Nessa narrativa apresentada pela artista, é o homem que se encontra em posição de fragilidade. A mulher, detentora da força e do conhecimento sobre a natureza, cuida e cura. E, como venho tentando expressar, não se trata de uma mulher qualquer, mas sim, de uma mulher-não-branca. Talvez Ana Teresa Barboza tenha pretendido simbolizar mulheres peruanas, mas prefiro aqui refletir sobre essa questão em um cenário mais amplo. Assim, o que intento, de fato, elucidar, é a presença de uma mulher-não-branca como figura imprescindível na manutenção da vida (bem como do estilo de vida) do homem branco.

Historicamente e em vários países, mulheres em grupos étnico-raciais desfavorecidos tendem a prover serviços de cuidado voltados para o atendimento das necessidades de grupos sociais mais poderosos, ao mesmo tempo em que suas próprias necessidades de cuidado são minimizadas e negligenciadas (RAZAVI, 2007, p. [iii], tradução nossa).

Em um texto que li recentemente, “Los otros significativos: el cuidado que piensa-con y las performances interespecies.”, de Florence Fitzgerald-Allsopp, achei pertinente a importância de evidenciar a posição que ocupo socialmente e como isso reflete naquilo que escrevo. Como mulher cis branca, classe média, todos os significados e entendimentos que descrevi neste texto vêm de uma vivência permeada por privilégios. Por isso, não pretendo discutir as diferenças sociais que existem entre mulheres de origens étnicas distintas, mas apenas mostrar como a obra me provocou a pensar sobre essa temática.

No que se refere à natureza presente na obra, Barboza foi genial ao contrastar a ideia de vida e morte no primeiro e segundo bordados. No primeiro, como já explicitado, a natureza é monocromática e, além de evidenciar uma crítica à coadjuvância que nós humanos impomos a ela, confronta a história contada por entre as linhas: a de morte. Por outro lado, em seu segundo bordado, a narrativa expressa vida. E essa vida, intrinsecamente associada à natureza e à figura feminina. A mulher representando cura, as flores (que não apareceram na primeira obra) associadas à ideia de fertilidade do solo, e o fundo azul tecendo relações com o céu/atmosfera e a água (FEDERICE, 2009). Todos esses itens, indispensáveis para a manutenção da vida humana.

Com isso, me parece que a artista, mais uma vez, faz um convite para a reflexão de assuntos muito pertinentes ao ecofeminismo. Somos provocados a pensar não só sobre as questões de gênero e a relação humano-natureza, mas também sobre as diferenças que existem nas relações do homem e da mulher com a natureza. É um chamado para a resignificação desses dualismos. Uma convocação para compreender a necessidade de criação de uma vivência mais sustentável e harmônica. Criação de um equilíbrio entre todas as formas de vida humana e não humana. É sobre respeitar o espaço e tudo aquilo que o preenche.

Considerações finais

Com as narrativas construídas ao longo do trabalho, a partir da observação das obras da artista Ana Teresa Barboza, foi possível, como pretendido, estabelecer diálogos com as ideologias ecofeministas. Os bordados se mostraram excelentes instrumentos de reflexão quanto às questões ambientais e de gênero. E o pensar narrativamente possibilitou que essas reflexões sobre as relações de opressão/domínio entre homem-natureza e homem mulher, por exemplo, se construíssem de maneira mais aprofundada. As afetações geradas pela obra e pelo processo de observação-escrita, constituíram-se excelentes mecanismos de transformação e, por isso, é evidente a potência que existe no movimento de delongar-se a pensar criticamente sobre algo a partir de produções artísticas. Dinâmicas e trabalhos como esse podem ser excelentes recursos para novas produções e pesquisas.

Referências

ANA Teresa Barboza. (**Homepage**). Disponível em: <<https://www.anateresabarboza.com/>>. Acesso em: 11 jun. 2023.

AQUINO, A.L.A.; CENCI, D.R. Ecofeminismo: a luta pela liberdade da "Mãe-Terra". In: **Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: Faculdade Escola Superior de Teologia, p. 06-23, 2019.

BARBOZA, A.T. 2010. Disponível em <<https://www.anateresabarboza.com/p/2010.html>>. Acesso em: 11 jun. 2023.

BARCA, S. Forças de reprodução. O ecofeminismo socialista e a luta para desfazer o Antropoceno. **e-cadernos Centro de Estudos Sociais**, n. 34, 2020. ISSN: 1647-0737.

CATTANI, I.B. Arte contemporânea: o lugar da pesquisa. In: BRITES, B.; TESSLER, E. (Org.). **O meio como ponto zero**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 35-50, 2002.

CHARKIEWICZ, E. Who is the "He" of He Who Decides in Economic Discourse?. In: SALLEH, A. (Org.). **Eco-Sufficiency & Global Justice: Women Write Political Ecology**. London: Pluto Press, p. 66-86, 2009.

CHASSOT, A. A ciência é masculina? É, sim senhora!.. **Revista Contexto & Educação**, Editora Unijuí, v. 19, n. 71-72, p. 9-28, 2004.

CLANDININ, D.J.; CONNELLY, F.M. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução de: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores do Instituto de Letras e Linguística/Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 250 p, 2011.

CÓRDULA, E.B. de L.; DO NASCIMENTO, G.C.C. O Ecofeminismo. **POLÊM! CA**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 158-162, 2013.

CORSINO, P. Entre Ciência, Arte e Vida: a didática como ato responsivo. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 399-419, 2015.

DA COSTA, M.C. Ainda somos poucas: exclusão e invisibilidade na ciência. **cadernos pagu**, n. 27, p. 455-459, 2006.

DA CUNHA, M.I. Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 23, 1997. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-25551997000100010>>. Acesso em: 11 jun. 2023.

FEDERICI, S. The Devaluation of Women's Labour. In: SALLEH, A. (Org.). **Eco-Sufficiency & Global Justice: Women Write Political Ecology**. London: Pluto Press, p. 43-65, 2009.

FITZGERALD-ALLSOPP, F. Os outros significativos: o cuidado que pensa-com e as performances interespecies. Tradução de Hugo Vedovato. **Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales**, v. 8, n. 2, 2021. ISSN 2346-920X.

GAARD, G.C. Rumo ao ecofeminismo queer. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 197-223, 2011.

GIROUX, H.A.; MACLAREN, P. Linguagem, escola e subjetividade: elementos para um discurso pedagógico crítico. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.18, n.2, p.21-35, 1993.

MIES, M. **Patriarchy and Accumulation on a World Scale**: Women in the International Division of Labour. 2 ed. London: Zed Books; Australia: Spinifex Press, 1998.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Convenção sobre Diversidade Biológica**. Série Biodiversidade no. 1. Brasília, p. 8, 2000.

MONTEIRO, L.L.C.; GARCIA, L.G. Veganismo, feminismo e movimentos sociais no Brasil. Seminário Internacional Fazendo Gênero (**Anais Eletrônicos**), Florianópolis, v. 10, 2013. ISSN 2179-510X.

MONTICELLI, C.; MORAIS, L.H. Impactos antrópicos sobre uma população de *Alouatta clamitans* (Cabrera, 1940) em um fragmento de Mata Atlântica no Estado de São Paulo: apontamento de medidas mitigatórias. **Revista Biociências**, Taubaté, v. 21, n. 1, p. 14-26, 2015. ISSN 1415-7411.

OLIVEIRA, V.S.S. **Ecofeminismo e o ensino de biologia**: sexismo e especismo nas falas de estudantes veganas. Tese de mestrado. Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

PLUMWOOD, V. **Feminism and the Mastery of Nature**. London: Routledge, 1993.

RAZAVI, S. The political and social economy of care in a development context. Conceptual issues, research questions and policy options. **Gender and Development Programme**. United Nations Research Institute for Social Development, 2007. ISSN 1994-8026. (Paper Number 3).

SCHMIDT, R. T. Para além do dualismo natureza/cultura: ficções do corpo feminino. **Organon**. Porto Alegre, v. 27, n. 52, p. 233-261, 2012.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e Agroecologia**: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília. Brasília, 292p, 2009.

STEFFENS, E.A. **Capitalismo e crise ambiental**: uma nova questão para o serviço social. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Serviço Social. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 67p, 2007.

VIEIRA, B.B.; MILWARD-DE-AZEVEDO, M.A. A Etnobotânica e o Ecofeminismo em prol da conservação ambiental. **Diversidade e Gestão**, v. 2, n. 2, p. 178-188, 2018. e-ISSN: 2527-0044.

VIU, A.F.M. et al. Etnobotânica: uma questão de gênero?. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 138-147, 2010. ISSN: 1980-9735.